

Prova Escrita de Português
12.º Ano de Escolaridade
Prova 639 / 1.ª Fase / Versão 1 / 2024

GRUPO I

Parte A

1. Ao referir a «farsa em que eu a mim próprio me estava dando em espetáculo», o protagonista revela a intenção de criar uma imagem de si próprio que não corresponde à realidade, uma vez que, ao camuflar o seu aspeto saudável («A minha cara ajeitava-se pouco à expressão dum vivo tormento de alma, em virtude de ser uma cara sadia, avermelhada, e bem fornida de fibra musculosa.» – ll. 11-12; «Era-me necessário remediar o infortúnio de ter saúde» – ll. 12-13), constrói a imagem de alguém fisicamente doente (pálido e com olheiras pronunciadas). Por outro lado, a imagem que pretende criar de si próprio fá-lo parecer, simultaneamente, um «génio» (l. 8) e alguém abatido e psicologicamente transtornado («a desordem dos cabelos devia ser a imagem da minha alma» – ll. 1-2), o que, reforçando, não corresponde à realidade.
2. Os aspetos que evidenciam a dimensão cómica do retrato do herói romântico que pretende criar são o facto de, por um lado, explorar o absurdo de barbear a testa com a intenção de acentuar a imagem de «desordem e génio» (l. 8), e, por outro, apresentar o ridículo de recorrer a um médico para que este lhe indicasse um medicamento que o ajudasse a aparentar um aspeto doentio, simulando olheiras carregadas (ll. 18-19). Desta forma, a ideia da figura do herói romântico é exposta de forma caricatural, destacando alguns aspetos físicos e de carácter que acabam por se tornar ridiculamente cómicos.
3. a) 3; b) 2

Parte B

4. 4. A importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético é revelada ao longo do poema na medida em que esconde o «eu» associado à infância, num jogo entre ser e parecer ou passado e presente, no qual a permanência do «eu» passado surge quando a máscara é retirada. Esta dualidade possibilitada pela máscara permite que o sujeito poético mantenha o seu ser autêntico e, simultaneamente, que desempenhe o papel social associado à máscara (optando pela identidade adquirida pela máscara).
5. Após ter retirado a máscara e se ter confrontado com o seu «eu»/passado, o sujeito poético opta por tornar a colocá-la. Tal atitude resultará, por um lado, do facto de a criança que a máscara oculta representar a vulnerabilidade do sujeito poético, porque associada à infância. Por outro lado, o facto de o «eu» se sentir mais confortável quando coloca a máscara pode também justificar essa opção. Com efeito, terá ele a ideia de que, com a máscara, a imagem de si que dá a ver aos outros é a de alguém normal («E volto à normalidade», v. 11).
6. I, III e V

Parte C

7. Os textos de Camilo Castelo Branco e de Álvaro de Campos têm em comum o facto de o protagonista e o sujeito poético, respetivamente, apresentarem uma imagem de si próprios, embora com nuances nesse «reflexo». Neste sentido, os textos apresentam aspetos que aproximam e que distinguem a imagem que cada sujeito apresenta de si próprio.

Os textos aproximam-se na medida em que tanto o narrador-protagonista do texto de Camilo como o sujeito poético do poema de Campos agem de forma consciente, por vontade própria – no primeiro caso, ao forjar uma imagem distinta da verdadeira; no segundo caso, ao retirar a máscara e ao voltar a colocá-la.

Em sentido contrário, os textos distinguem-se uma vez que o narrador-protagonista camiliano pretende, com as transformações que opera em si mesmo, disfarçar a sua imagem física; no poema de Álvaro de Campos, o sujeito poético encobre com a máscara uma realidade psicológica que mantém inacessível aos outros.

Vemos assim a construção, em ambos os textos, de uma imagem pessoal que se quer transmitir, de forma consciente, mas dificilmente correspondente a uma realidade.

GRUPO II

1. A
2. B
3. C
4. B
5. D
6. C
7. D

GRUPO III

Atualmente, a comunicação é feita sobretudo através das redes sociais. Tal facto impõe-nos uma especial atenção quanto ao uso dual que as pessoas fazem – uma forma de se mostrarem ao mundo ou um meio para se esconderem por detrás de uma imagem falsa. Ambas são formas questionáveis de comunicação. Mas quais serão os motivos e consequências de cada uma delas?

A tendência para uma pessoa usar as redes sociais e se mostrar ao mundo resulta de uma predisposição para partilhar a sua vida. Com efeito, as partilhas são uma forma de reconhecimento próprio por merecidos esforços/conquistas, dados a conhecer à comunidade e facilmente agraciadas pelo *feedback* do «gosto». Porém, a preponderância para mostrar momentos felizes projetará uma imagem que não corresponderá à vida real. Infelizmente, este fenómeno, em efeito dominó, pode gerar uma pressão social para que outros partilhem apenas a «perfeição». Cria-se, assim, uma visão distorcida da realidade.

O reverso da medalha deste uso dual da comunicação, e que me parece problemático, é a possibilidade de uma pessoa se esconder por detrás de uma imagem falsa. A criação de um perfil fictício ou exagerado conduz à desonestidade e ao engano. E isto, muitas vezes repetido e reproduzido, leva a um perigoso caminho de desconexão com a realidade – a pessoa começa a acreditar na imagem que projetou, negligenciando a sua verdadeira identidade. Pior, esta prática promove a falta de autenticidade nas relações, com claro prejuízo para a construção de vínculos genuínos e humanos.

Contudo, é de relevar o importante contributo das redes sociais na criação de espaços de expressão individual e coletiva, de conexão entre pessoas de diferentes partes do mundo, de partilha de conhecimentos e de promoção de causas importantes. O uso consciente e equilibrado das redes sociais pode, com efeito, potencializar os benefícios de uma comunicação global, em detrimento dos aspetos negativos acima descritos.

Concluindo, a partilha parcelar do mundo ou a criação de uma imagem falsa são práticas questionáveis. É importante saber lidar com estes fenómenos e, por isso, é fundamental promover uma cultura de autenticidade nas redes sociais para aproveitar ao máximo o seu potencial de comunicação.

(350 palavras)